

Jornal:

A Tarde

Data:

11/08/08

Caderno:

Página:

Edição 12

Seção:

Assunto:

Centro Histórico
Moradores



Ana Maria Catarino, 51 anos, moradora há 40 anos do Centro Histórico. Luta, junto com a associação de moradores, por programas habitacionais para população de baixa renda no bairro. Ela já foi beneficiada pelo projeto de moradia da 7ª etapa e reside em casarão reformado, mas mostra-se preocupada com a questão habitacional de vizinhos e amigos.



MARCO AURELIO MARTINS / AG. A TARDE

CENTRO HISTÓRICO | Bairro cobra de candidatos investimentos em moradia

Vão dar casa aos sem-teto



O Pelourinho,
coração do Centro

CENTRO HISTÓRICO | Bairro cobra de candidatos investimentos em moradia

Vão dar casa aos sem-teto do Pelô



O Pelourinho, coração do Centro Histórico de Salvador, sofre com pedintes, sujeira e furtos

DANILE REBOUÇAS

dreboucas@grupoatarde.com.br

Ser patrimônio histórico e cultural da humanidade não é tudo para o Centro Histórico de Salvador (área de Santo Antonio Além do Carmo até o mosteiro de São Bento). A região pede socorro e precisa de interferências públicas emergenciais. Para os moradores, o problema de habitação desencadeia uma série de reclamações sobre a falta de investimento no social, na segurança, na limpeza pública e em geração de emprego e renda para a comunidade.

Para Ana Maria Catarino, o investimento em habitação ajudaria a resolver parte dos problemas. Principalmente se, em paralelo, fossem desenvolvidos programas educacionais de formação cidadã. Assim como Ana, quem mora ou trabalha no Centro Histórico reclama da falta de entrosamento entre Estado e Município para assumir as necessidades do bairro.

Para a empresária Ângela Rabello, membro do CH.AMA – grupo de comerciantes em defesa do Centro Histórico – há uma ausência do poder municipal na região. “A prefeitura não percebe que aqui é uma área estratégica. Falta iluminação, falta ação para acabar com o tráfico de drogas, há excesso de vendedores ambulantes”.

As justificativas de Ângela

para a ausência de ação pública coincidem com as dos demais moradores abordados pela reportagem. A TARDE verificou que o miolo do Centro Histórico, geralmente, está limpo, mas ao caminhar nas ruas adjacentes, há muito lixo espalhado. A partir da Praça Municipal o assédio dos vendedores ambulantes não permite aos transeuntes caminhar de forma tranquila. Outra abordagem que incomoda quem vive ou passa pelo bairro são as pessoas em situação de risco social e pessoal que pedem, insistentemente, ajuda a quem caminha. Muitos são moradores do bairro que convivem com a pobreza, falta de emprego e moradia. A situação, conforme relatou o CH.AMA, afasta turistas e provoca quedas nas vendas do comércio voltado para este público. O furto também é alvo constante de reclamação. Patrícia Garcia, 31 anos, administra o Albergue Laranjeiras há 14 anos e sente a queda no número de hóspedes. “Antes, ficavam em média cinco noites, hoje, no máximo duas, reclamam da abordagem e esvaziamento. Nem a prefeitura nem o governo assumem a responsabilidade com a segurança e o trabalho não é realizado direito”, diz.

Na região há o módulo do 18º Batalhão da Polícia Militar, a delegacia do Turista e PMs fazem o policiamento ostensivo, mas is-

so não intimida, nem atende toda a área. A presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH), Jecilda Melo, mostra desencanto com a falta de ação. “O município e o Estado têm de estar interligados e assumir esta área, que também tem suas riquezas, falta boa vontade e empenho”.

PROGRAMAS – O Centro Histórico, segundo moradores, carece de políticas para crianças e jovens, apoio para creches e projetos culturais. Muitos dos programas que atuam no bairro, liderados por ONGs, são voltados para comunidades de outras localidades. Quanto às escolas de 1º e 2º grau, a região está atendida, já que bairros próximos absorvem os estudantes. A falta é de programas para atender aos alunos no turno oposto ao da aula e qualidade de ensino. As mães reclamam que para jovens e crianças não há área de lazer. Há somente o Largo de Santo Antonio e a Praça Jubiabá, que atualmente passa por reforma. Sem opções, os jovens se arriscam em jogar futebol na escadaria do Paço. Postos de saúde também são solicitados. De acordo com a líder comunitária Maria de Lourdes Santos, o posto da descida do Aquidabã, que serve à comunidade, dificilmente tem médico. “Esse mês tem por causa das eleições, depois tiram”.

Moradores convidam candidatos para ir ao bairro

Diante a falta de ação pública, a comunidade do Centro Histórico se mobiliza para que as demandas do bairro sejam atendidas. Sempre reunidos, discutindo os problemas locais, as associações costumam encaminhar, para órgãos públicos, relatórios com a radiografia da situação e sugestões de práticas políticas. Este ano, o projeto cultural Cântina da Lua, em parceria com outras entidades do Centro Histórico, organiza encontros da comunidade com os prefeituráveis.

Os moradores pretendem registrar todas as promessas para serem usadas em futuras cobranças. Eles também elaborarão, ao final dos encontros, documento com reivindicações e propostas do bairro. Antonio Imbasahy, Walter Pinheiro e ACM Neto foram ouvidos no mês passado. Este mês é a vez de João Henrique e Hilton Coelho.

“O Pelourinho tem que servir com carinho especial, ser bom para quem mora e para quem visita. Esperamos que as promessas sejam cumpridas, precisamos de ação”, afirma Clarindo Silva, comerciante há 53 anos na área. O Centro Histórico, por ser tombado como patrimônio da

humanidade, precisa da autorização do Iphan para realização de algumas intervenções. Mas isso não tira responsabilidade do município de arcar com serviços públicos e contribuir com a liberação e execução de projetos.

Atualmente, no Centro Histórico está sendo realizada a 7ª etapa do projeto de revitalização, que incluiu a restauração de casarões para a população local de baixa renda, depois de muita luta da associação de moradores (AMACH). Entretanto, a obra, iniciada em 2003, entregou apenas 11 habitações, em dois casarões, das 104 previstas.

O Escritório de Referência do Centro Antigo (além do Centro Histórico engloba o Campo Grande, Barbalho, Água de Meninos, Dique, Comércio, Barroquinha), inaugurado no Pelourinho em 2007, com a finalidade de prover a sustentabilidade sócio-econômica, apresentou de ações concretas, até o momento, a construção de 66 habitações para Vila Nova Esperança (Rocinha do Pelourinho) e recuperação de 16 monumentos. O escritório tem parceria de cinco ministérios, cinco secretarias estaduais, Prefeitura e Unesco. (D.R)